

Reflexão e Ação, v. 19, n. 1, 2011

APRESENTAÇÃO

As relações entre educação e trabalho, por seu significado e importância em nossa sociedade, constituem tema de permanente discussão na área da educação. Historicamente, como afirma Ciavatta, as relações trabalho e educação são debatidas desde o século passado pelas diferentes correntes do pensamento sociológico e educacional. A partir dos anos 1980, no contexto do processo de redemocratização e incremento das lutas dos trabalhadores brasileiros, a discussão no âmbito acadêmico nacional incorpora a problemática da emancipação (CIAVATTA, 2003). É nesse contexto, em 1981, que nasce o GT (Grupo de Trabalho) Trabalho e Educação na Anped, junto com os demais Gts que surgiram na 4ª Reunião Anual. Ao longo da história acadêmica a temática configurou-se em grupos e linhas de pesquisa com trajetórias que ultrapassam já algumas décadas.

Como parte de uma trajetória que busca acompanhar as principais discussões no âmbito da educação, a revista *Reflexão e Ação* publicou edições temáticas que trataram do tema, o que volta a ocorrer na presente edição, com o título “Educação, trabalho e emancipação”, organizado pela linha de pesquisa de mesmo nome do mestrado em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul.

Nosso propósito é seguir contribuindo com a reflexão sobre as relações entre trabalho e educação com a publicação de artigos que tratam de realidades que têm feito parte dos encontros da área e que refletem contradições sociais da realidade brasileira.

O Professor Martin, da Universidade de Valladolid, Chile, apresenta em seu artigo *Educação, Trabalho e Emancipação* uma interessante análise do histórico das

condições sociais e antropológicas do trabalho, desde os povos primitivos até o surgimento e afirmação do capitalismo.

Contrapõe essa visão a de Marx no sentido de desvelar o processo de progressiva alienação e coisificação do trabalho humano, evidenciando a contradição entre trabalho que auto-realiza e trabalho que aliena. Conclui seu artigo com uma série de sugestões educativas para promover uma educação consciente do mundo do trabalho e voltada para a cooperação e vivência comunitária, estimulando redes sociais de solidariedade e novas compreensões e valorização do trabalho para além do mundo pós-capitalista e proposta de emancipação humana.

No artigo *O Ócio como um Direito Perpassado pela Educação*, Eliane Juraski Camillo, mestranda do PPGEdu UNISC e tutora do sistema de educação a distância em Sobradinho pelo sistema UAB, pólo da UFSM, apresenta trabalho desafiador que expõe as contradições entre ócio e trabalho na sociedade contemporânea que caminha para o não-trabalho. Faz uma interessante revisão bibliográfica que apresenta as contradições históricas desse binômio. Esclarece também as confusões conceituais entre ócio e o tempo que o trabalhador dispõe para descansar e repor suas energias para outra jornada de trabalho. Problematisa o ócio dirigido pelos meios de comunicação de massa que são alienadores e o ócio dirigido para o culto excessivo do corpo, também alienador. Sugere que haja uma educação para o ócio com a sugestão de atividades criativas e que emancipem o ser humano, tornando possível entrever novas possibilidades de emancipação, sem reduzi-lo a uma máquina de trabalho.

Edson Caetano, professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso e sua mestranda Camila Emmanuela Pereira Neves apresentam trabalho ilustrado com muitos dados e comentários histórico-sociais de como se constituiu a profissão docente no Brasil. O trabalho se refere ao processo gradativo de precarização

e feminilização do trabalho docente a serviço de interesses de uma sociedade de tradição patriarcal e dominadora. Mais recentemente, tal precarização e feminilização vem fazendo parte de uma desregulamentação geral do trabalho no mundo contemporâneo, que na educação tem sofrido as ingerências do Banco Mundial e de interesses econômicos. Tais interesses não compreendem o trabalho do professor como importante para o desenvolvimento e emancipação do ser humano e a educação como um direito humano, reduzindo-a a um serviço dependente dos interesses do mercado.

Professora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Itajaí, Tânia Regina Raitz, no artigo *Jovens, Trabalho e Educação: Processos Identitários na Contemporaneidade*, aborda a problemática da educação e trabalho entre os jovens, em estudo desenvolvido em Florianópolis (SC) que enfoca jovens que passaram por cursos de formação profissional. Em sintonia com estudos contemporâneos, sua preocupação é mostrar a forma como esses jovens constroem sua identidade, os sentidos atribuídos a experiência na escola e no trabalho, assim como a realidade do desemprego.

Afirma que o trabalho, apesar da precariedade das relações sociais em que estão inseridos os jovens, constitui aspecto fundamental em suas vidas. Aspecto relevante do estudo é análise da complexidade das identidades e sentidos do trabalho e da educação, sempre em constituição em nossa realidade atual, como afirma a autora.

Em outro texto sobre o tema da educação entre os jovens, *Trabalhar para Estudar/Estudar para Trabalhar: Realidade e Possibilidades*, Janes Teresinha Fraga Siqueira, doutora em educação e professora adjunta da Universidade de Santa Cruz do Sul, apresenta resultados de importante pesquisa desenvolvida com estudantes de curso de licenciatura. Com apoio no materialismo histórico e dialético, a pesquisadora tem como objetivo compreender os significados atribuídos pelos alunos universitários aos

fenômenos do trabalho e do estudo. Recuperando os apontamentos sobre trabalho feitos por Marx, a autora destaca sua dimensão contraditória de impedimento do desenvolvimento e ao mesmo tempo de emancipação humana. Em sua análise destaca as seguintes categorias: condições de trabalho e de estudo, necessidade de formação, predominância do trabalho sobre o estudo e dificuldade de conciliar tempo de estudo e de trabalho.

Alex Sander da Silva, doutor em Educação e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense, no artigo *Fetichismo, Alienação e Educação como Mercadoria*, busca abordar o tema do fetichismo no âmbito da educação. Para tanto, o caminho escolhido é discussão da educação como mercadoria e suas consequências para a análise do trabalho educativo. A fim de atingir seu objetivo o autor retoma o significado dessas categorias na teoria marxista.

Em *Algumas Aproximações sobre Trabalho, Escola e Educação no Pensamento de Antonio Gramsci*, Jefferson Carriello do Carmo, professor da Universidade Católica Dom Bosco, objetiva, em primeiro lugar, recuperar conceitos fundamentais da teoria gramsciana.

Apoiado em ampla revisão da obra do autor, ressalta a questão da educação como hegemonia para, por fim, afirmar que a proposta de Gramsci caminha na direção de uma escola interessada que possui como característica a ideia de ser mais técnica e orgânica ao mundo industrial moderno, configurando um local de síntese entre o trabalho manual e o intelectual.

As autoras Maria Odila Finger Fernandes Lima, psicóloga e mestre em Educação, professora da Faculdade Integrada de Santa Maria e Rosa Maria Filippozzi Martini, doutora em Educação e professora adjunta da Universidade de Santa Cruz do

Sul, apresentam síntese de pesquisa centrada no significado do trabalho do professor. Tendo como título *Trabalho Docente: em Busca de Novos Sentidos*, destacamos a original metodologia utilizada na pesquisa, centrada em obras de arte como estímulos para círculos de conversa sobre o trabalho do professor, no estilo dos círculos de cultura de Paulo Freire. Ressalte-se também o trabalho metodológico de análise dos dados, realizado por meio da análise do discurso. Os resultados revelaram o sentimento de abandono do professor em seu trabalho, a proletarização da profissão e a alienação, a feminilização da trabalho do professor, confundido com maternagem e a falta de tempo para o ócio criativo.

Rosa Maria F. Martini é autora também do artigo *Habermas: 80 Anos de Percurso Filosófico, Novos Rumos para a Teoria Crítica e Reflexos na Educação*. Nele apresenta trabalho focalizando a obra do filósofo Habermas, dando ênfase a seu papel de intelectual na esfera pública, como crítico da cultura ocidental contemporânea, assim como defensor do multiculturalismo como reconhecimento do outro enquanto outro. O artigo comenta também a mudança de paradigma da filosofia centrado no conceito de mundo de vida e sistema, focalizando a ação comunicativa como discurso, isento de injunções de poder e centrado nas pretensões de validade dos participantes.

Acentua o papel mais humilde da filosofia na atualidade, como guardadora de lugar e intérprete dos resultados problemáticos da ciência e da técnica. O artigo destaca também a crítica de Habermas a cultura massificada da atualidade e a transformação do trabalhador num cliente do estado. Defende a importância do desenvolvimento da competência comunicativa para a formação da cidadania radical. Salienta ainda a dívida da civilização ocidental para com os povos ameríndios que foram dizimados em nome da fé cristã. Por fim, sugere, ilustrando com teses de doutorado e dissertação de

mestrado, que as idéias de Habermas podem inspirar muitos trabalhos centrados na educação e emancipação.

Carla Cristina Dutra Búrigo, pós-doutora em Educação e Clésar Luiz Loch, mestre em Educação, no artigo *Gestão de Pessoas: de Recursos Humanos ao Processo de Desenvolvimento Humano e Social*, desenvolvem ensaio teórico-empírico na área de gestão de pessoas. Os autores têm como linha mestra de seu estudo o desafio de pensar o gerenciamento de recursos humanos numa perspectiva humana e social. Para eles, esse desafio supõe viver entre a utopia e uma realidade restritiva das possibilidades de realização, implicando, portanto, a compreensão e o enfrentamento das contradições das práticas nessa área de conhecimento.

Marilene Nunes, doutora em Administração e Políticas em Educação e professora assistente da UNESP, no artigo *O Horror Institucional: a Gestão das Relações de Trabalho nas Organizações de Ensino: Escolas e Universidades, um Paradoxo na Sociedade do Conhecimento*, aborda a problemática da gestão do trabalho docente em instituições escolares e universitárias. Com base nos conceitos de espaço e tempo, a autora aponta a defasagem que as instituições educacionais citadas possuem em relação à sociedade como um todo. Para ela, enquanto nas organizações empresariais, a partir da globalização e das tecnologias da informação, esses conceitos mudaram para espaços de fluxos e tempo social não cronológico, as escolas e universidades seguem enfatizando perspectivas tradicionais dos mesmos, possibilitando a ação de um aparato burocrático que age com base num controle social por meio da coerção e do terrorismo institucional.

Moacir Fernando Viegas, doutor em Educação e professor da Universidade de Santa Cruz do Sul, no artigo *Transferência de Habilidades Intergeracional, Incerteza e Emancipação na Formação dos Trabalhadores*, apresenta resultado de pesquisa que

teve como foco histórias de vida de trabalhadores. O autor teve como objetivo analisar a forma como esses trabalhadores e seus filhos têm experienciado e como representam as mudanças no trabalho e em sua formação cultural, mais especificamente com relação a sua formação cultural e a de seus filhos. A discussão apresentada destaca três categorias que pretendem expressar os resultados, e que se referem a questões como a transferência de habilidades intergeracional, incerteza no que diz respeito aos parâmetros de formação e, por fim, as possibilidades emancipatórias contidas nas trajetórias de formação, no contexto da globalização e da economia informacional.

Entre os artigos especiais, apresentamos o trabalho *Competencias Tic en la Formación Inicial Docente: Estudio Descriptivo para la Toma de Decisiones en el Currículum*, de Pedro Sandoval Rubilar, doutor em Ciências da Educação, professor da Universidade de Bio Bio, Chile. O autor aborda as competências em tecnologias da informação e comunicação (TIC) na formação inicial, tendo como objeto de estudo alunos do curso de pedagogia. Segundo o autor, as elaborações sobre as necessidades de formação quanto as TIC tendem a se mostrar abstratas, na medida em que dificilmente dão atenção a realidade dos professores. Nesse sentido, desenvolve estudo descritivo em que focaliza três aspectos dessa realidade: o acesso e a frequência de uso das TIC que possuem os estudantes de pedagogia, o tipo de uso que fazem das mesmas e, por fim, as necessidades de formação em TIC declaradas pelos estudantes para seu futuro desempenho profissional.

Dulci Marlise Boettcher, professora da Universidade de Santa Cruz do Sul, apresenta trabalho instigante sobre o uso das novas tecnologias de comunicação, especialmente da plataforma Moodle, evidenciando os aspectos de interação, estímulo à participação, cooperação e a possibilidade de aprender com os erros sem ser identificado, o que aumenta a espontaneidade das respostas. A revisão de literatura

apresenta as teorias de Maturana e Varela, Morin e Lévy, demonstrando claramente a importância da busca de outros ambientes de aprendizagem para o ensino e aprendizagem significativos.

Maria de Lourdes Cró, pesquisadora em educação das Universidades de Coimbra e Aveiro, apresenta juntamente com sua mestranda, Ana Mafalda Pinto, uma análise quali-quantitativa da questão das creches em Portugal, destacando a importância dessa fase do desenvolvimento humano para a vida do ser humano e sua futura emancipação. Evidencia a importância do Estado responsabilizar-se também por esse período da educação, dado que a mãe trabalhadora, após a licença maternidade, não tem muitas alternativas para o cuidado da criança. Ressalta a função educativa das creches tanto para o desenvolvimento da psicomotricidade da criança, como também de outras áreas sociais e afetivas para a criança aprender a conviver com outros adultos além da família. Destaca ainda o novo conceito de educação infantil, não só como guarda de crianças, mas como educação integral.

Referências

TREIN, Eunice; CIAVATTA, Maria. O percurso teórico e empírico do GT Trabalho e Educação. *Revista Brasileira de Educação*, nº 24, Set/Out/Nov/Dez 2003.